

**AMOR, GRATUIDADE E PARTILHA:
Diálogos sobre educação a partir da obra de Carlos Rodrigues Brandão**

LOVE, GRATUITY AND SHARING:
Dialogues on education from the work of Carlos Rodrigues Brandão

Flávia Ribeiro Amaro^()*

*Maria Milena Quiroz^(**)*

Resumo: Este artigo, escrito à várias mãos, busca refletir sobre algumas perspectivas educativas, éticas e epistêmicas entendidas como centrais na vida e na obra de Carlos Rodrigues Brandão: o amor, a gratuidade e a partilha. A partir de uma leitura de suas contribuições teórico-metodológicas e poéticas para o campo da educação, procura-se debater alguns pontos-chave e estratégias dialogais que orientaram o seu trabalho como educador. Primeiramente, mergulhamos na temática do amor nos processos de ensino-aprendizagem, identificando a sua indispensabilidade para a manutenção da vida humana, em seguida, abordamos como o legado de seu pensamento foi construído a partir da gratuidade e da partilha, desencadeando discussões e desafios para a elucubração de caminhos educativos com base na cooperação, na escuta sincera e na abertura ao diálogo.

Palavras-chave: Amor. Educação Popular. Gratuidade. Partilha. Carlos Rodrigues Brandão

Abstract: This article seeks to reflect on some educational, ethical and epistemic perspectives understood as central in the life and work of Carlos Rodrigues Brandão: love, gratuitousness and sharing. From a reading of his theoretical, methodological and poetic contributions to the field of education, we seek to discuss some key points and dialogical strategies that guided his work as an educator. First, we delve into the theme of love in the teaching-learning processes, identifying its indispensability for the maintenance of human life, then we address how the legacy of his thought was built from gratuitousness and sharing, triggering discussions and challenges for the elucidation of 154 educational paths based on cooperation, sincere listening and openness to dialogue.

Keywords: Love. Popular Education. Gratitude. Sharing. Carlos Rodrigues Brandão.

^(*) Pós-doutora em ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), doutora e mestra em ciência da religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), graduada em ciências sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: flavia.ramaro@gmail.com.

^(**) Graduada em Ciências da Educação (UNCUYO), Especialista em Epistemologias do Sul (CLACSO sur sur), Mestre em Educação (UFJF-Brasil), Doutora em Ciências da Educação (UNCUYO). Professora da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais da UNCuyo, faz parte do grupo de pesquisa de Filosofia Prática e História das Ideias Latino-Americanas e é bolsista de doutorado do INCIHUSA-CONICET CCT Mendoza. Email: milenaquiroz@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Bem ao estilo brandônico, este é um ensaio construído em parceria, resultante de diálogos em torno das propostas pedagógicas do educador. Nosso intuito é nos lançarmos na reflexão acerca da temática da educação, inspirados nas contribuições de Carlos Rodrigues Brandão (1940-2023). A proposta é revisitar de forma livre e criativa suas ideias e iniciativas pedagógico-culturais, buscando aprofundar o entendimento sobre a sua concepção de educação enquanto uma experiência de diálogo, amor, gratuidade e partilha.

Diante de um cenário educacional brasileiro e latino-americano marcado pela lógica neoliberal e pautado pelo produtivismo, pelo esvaziamento de sentidos solidários, pela mecanização e mercantilização do conhecimento, importa resgatar pensamentos, métodos e teorias que desvelem a essência do papel do/a educador/a popular, cuja vocação socio-pedagógica está arvorada em um ensejo transformador do *status quo* e que através do amor e da gratuidade exerce o dom da partilha para além do muro da universidade, da igreja, da escola ou de qualquer outra instituição normativa, envolvendo a comunidade e apregoando uma educação humanizadora voltada à valorização da vida.

Brandão fez parte de uma geração de educadores brasileiros memoráveis, como Paulo Freire (1921-1997) e Rubem Alves (1933- 2014), seus amigos e companheiros em diversos movimentos sociais organizados em torno da educação popular. Durante a década de 1960, esses educadores se dedicaram à causa dos povos oprimidos e invisibilizados pelo sistema capitalista. Brandão atuou em projetos de alfabetização de adultos no interior do Brasil, bem como circulou por outros países latino-americanos divulgando e articulando iniciativas que envolviam o fomento da educação popular.

Ele integrou os quadros da Ação Popular (AP), participando efetivamente da Juventude Universitária Católica (JUC), do Movimento de Educação de Base (MEB), atuando por meio das Companhias Eclesiais de Base (CEB's), da Comissão Pastoral da Terra (CPT), dentre outros movimentos sociais de intelectuais engajados com as causas dos povos oprimidos.

Dentre essas ações de vocação emancipatória, o projeto de alfabetização de adultos pode ser destacado em função de ter corroborado à fundamentação e instrumentalização da educação popular. Tratava-se de um projeto educacional que

partia das demandas dos próprios sujeitos educandos, que em parceria com os educadores construíam saberes capazes de serem aplicados na vida cotidiana, ampliando a cognição e a conscientização acerca das próprias condições de opressão e alvitando alternativas para contorná-las. Pois, admitia-se que um conhecimento só seria válido, caso ele pudesse ser empregado na experiência prática da vida ordinária.

O legado de Brandão revela a viabilidade do desenvolvimento de uma educação humanista, inserida na cultura e voltada à conscientização e à transformação das diversas situações de opressão, silenciamento e invisibilidade. Ao longo de sua carreira como educador popular, defendeu projetos socioeducativos voltadas à interpelação de problemas locais e que servissem à interesses comunitários, promovendo trocas e relações amistosas, em que os educandos pudessem se expressar em seus próprios termos e serem ouvidos com gratuidade, presença e validação de sua existência.

O texto está dividido da seguinte maneira, primeiramente abordamos esse conceito amplo e abstrato que é o “amor” aplicado às práticas pedagógicas do educador. Em seguida, refletimos sobre como ele empregou uma postura comprometida com a gratuidade e a partilha em seus processos de ensino-aprendizagem. No terceiro tópico, exploramos as contribuições de suas ideias para uma reinvenção da educação a partir da valorização do sentimento implicado nos projetos educativos. Como metodologia este artigo se valeu de uma revisão bibliográfica nas obras do autor.

SOBRE O AMOR NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Na concepção de Brandão (2005), sempre que haja uma interação entre duas ou mais pessoas, testemunha-se um movimento de busca recíproca por entendimento através do diálogo, em que se compartilham sentidos por meio de símbolos e gestos, de sentimentos e significados.

Para o autor, os processos de ensino-aprendizagem devem se empenhar em fazer com que sejamos capazes de ampliar nossos domínios cognitivos, passando a considerar subjetividades sensíveis que se expressam através do sentimento, da emoção, e que, por sua vez, têm como mote o amor. O amor é tido como um sentimento originário, que desencadeia o processo de socialização e de troca de conhecimentos, vivências e experiências. O amor não é, necessariamente, espontâneo, mas cultivado com o propósito de promover a harmonia, uma sociedade mais justa. Assim, a aceção de

amor adotada é ampla e, em sua concepção, envolve sujeitos de “perto e de longe”, bem como se expande à natureza, seres sencientes e à todas as fibras do universo.

Ao falar sobre o amor, instantaneamente, Brandão refere-se ao acolhimento da autonomia da alteridade do outro/a e da convivência com a diversidade. Em “*Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver*” (2005), o autor trata dos preceitos éticos da relação que se estabelece com o outro/a em processos de interação social. Em suas palavras,

Como uma emoção fundadora, o amor é uma experiência a ser partilhada em qualquer situação em que pessoas se reúnam para construir os saberes e os sentidos de suas vidas. É uma experiência humana que, para não ser vaga palavra tomada como vã teoria, precisa enraizar-se em modos não apenas de ser e de pensar, mas de viver a vida de cada momento e de compartilhar com os outros cada instante dela. (Brandão: 2005, p. 47)

Para ele, o amor nos humaniza. “Só se é humano no amor.” (Brandão: 2005, p. 50). O educador acreditava que foi através da experiência de intercâmbio de presenças amorosas e cooperativas que a vida humana se tornou possível e plena de sentidos. Dado que, o amor funda a reciprocidade que possibilita a vida em sociedade. Assim, pode-se deferir que o amor é ontologicamente arraigado em nossa experiência humana e que seu cultivo é imprescindível para a manutenção de nossa existência.

O sentimento do amor pode ser considerado uma importante fonte de conhecimento ontológico, responsável pelo salto cognitivo da humanidade, dado que “O princípio gerador da cooperação é a emoção e a emoção fundadora das interações humanas é o amor.” (Brandão: 2005, p. 68) Nesse sentido, têm-se que, o amor é uma emoção ativa, de vocação originalmente cooperativa, geradora de aprendizados, e que por sua vez, pressupõe a interação social, a socialização.

Consideramos, a partir das formulações de Brandão, que seja através da gratuidade amorosa que o encontro com o outro nos permite a socialização e a coexistência. Pois, tal como defendeu Maturana (2002, p. 66) “[...] o amor constitui o espaço de condutas que aceitam o outro como legítimo outro na convivência.”

Em seu livro “*A aventura do encontro: escritos sobre o Outro e Eu*” (2019), Brandão tece narrativas acerca de suas memórias como educador e enfatiza as dimensões comunitárias, culturais, os afetos e sensibilidades, os saberes e as trocas que permeiam os processos educativos. Em que, o dilema do convívio com a alteridade do

outro inspira, através de uma mútua responsabilidade, solidariedade e partilha. “Nós nos encontramos quando reconhecemos no rosto de um Outro a indicação daquele por quem somos também responsáveis [...]” (Brandão, 2019, p. 35) Diante de um mundo cujas relações têm sido cada vez mais pautadas por aspectos utilitaristas e mercadológicos, reestabelecer dinâmicas pautadas por uma corresponsabilidade ética e afetiva, despojada de interesses para além da simples presença efetiva, do face a face, corresponde a um desafio que cabe à educadores de vocação humanizadora se engajar. É preciso resgatar a convivialidade, que facilita os processos de aprendizagem.

Educar, na acepção de Brandão, é participar da gratuidade da experiência de partilha do amor, o que implica em reconhecer a integridade do outro. Diante da constatação de que o amor se aprende e se ensina a partir de uma atitude proativa de engajamento humano, importa pensar como uma educação voltada às práticas cooperativas pode ser considerada mais profícua que uma educação que apenas reproduza conteúdos distanciados, por meio de abordagens racionalistas esvaziadas de sentido. A educação bancária, verticalizada de “cima para baixo”, em que o professor detém o conhecimento e os alunos apenas o reproduzem irrefletidamente foi combatida em detrimento de uma educação popular de caráter inclusivo, construída a partir de um “entre-nós”, enquanto uma prática voltada à promoção da liberdade.

Brandão defendia uma educação capaz de aproximar as pessoas. Acreditava que o amor, a gratuidade e a partilha deveriam ser plasmados na prática do educador através de gestos, escutas e palavras, traduzindo assim, conceitos aparentemente abstratos em atitudes concretas. Partindo desse ponto de vista, as questões que envolviam uma determinada comunidade deveria ser interpeladas pelos educadores em parceria com os educandos.

Consequentemente, pelo fato de que os seres humanos se notabilizam por serem seres sociais e que se constitui na, com e pela comunidade é urgente e imprescindível que se constitua nas escolas e espaços da sociedade uma educação a favor de uma vida vivida com base no amor e na cooperação. A esse respeito, Brandão coloca que:

O fundamento da vida humana, como uma forma própria de vida social, é a aceitação do outro na convivência comigo. O elo de sentido desse fundamento é a cooperação. O princípio gerador da cooperação é a emoção e a emoção fundadora das interações humanas é o amor. (Brandão, 2005, p.68)

Dessa forma, o ensinar e o aprender prescinde da emoção do amor para quem pratica a docência. Sem a emoção do amor, a sociedade como um todo fica incapaz de responder a complexidade dos diversos problemas, que afligem os seres humanos em suas existências. Portanto, o amor é imprescindível para a realização de uma vida plena, em que a educação seja calcada na liberdade e na esperança de um mundo mais fraterno, ou seja, em um mundo pautado por uma educação no, pelo e com o amor.

Nesse sentido, têm-se que uma educação emancipatória e libertária, têm como pressuposto a partilha do amor. Haja visto que, os aprendizados são mais eficazes e coerentes caso sejam construídos a partir de emoções naturais, como o amor, a confiança, a reciprocidade, caso sejam motivados por uma inspiração genuína e generosa, relacionada à vocação solidária da gratuidade partilhada e da cooperação.

GRATUIDADE E PARTILHA NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Para pensar em gratuidade e partilha na educação a partir das contribuições de Brandão, chamamos a atenção para a vocação do educador – uma pulsão altruísta, que o move a contrapor os ditames do capital e a se doar generosamente às relações de ensino-aprendizagem, com a inteireza de uma alma sensível ao outro e que não se esquiva da denúncia e do comprometimento com o enfrentamento das injustiças socioculturais e cognitivas.

Remete à espontaneidade das trocas e à abertura sincera ao desvelamento da alteridade do Outro/a, com respeito e curiosidade. Trazemos a noção de gratuidade e partilha na educação para pensar a dádiva do educar como uma postura de “dar, receber, retribuir”. Para o educador,

Sempre que, entre duas ou mais pessoas, por um momento que seja, há uma troca de saberes sobre alguém ou algo, há uma interação vivida na busca recíproca de sentidos sobre nós e a vida. Há uma partilha de símbolos, de gestos e palavras à procura de significados e sentimentos, isto é, de sensibilidades que possam ser partilhadas e que tornem nossa experiência no mundo mais compreensível e mais solidariamente compreendida. (Brandão, 2005, p. 17)

As pessoas sentam-se ao redor de círculos para contar histórias, trocar experiências, ensinar e aprender uns com os outros. Brandão desde os seus tempos de escoteiro, na infância, descobriu o poder da roda enquanto uma prática de ensino-aprendizagem integrativa. Ele costumava contar sobre encontros acampados nas matas do Rio de Janeiro, que se chamavam “fogo de conselho”, em que diversos assuntos

eram tratados em clima descontraído, circularmente. Em suas aulas, a disposição dos alunos em círculo era recorrente.

Pensar em gratuidade e partilha a partir de sua postura como educador, nos lembra também suas memórias sobre aulas ministradas em barracões feitos com ripas e pedaços de lona e cujos assentos eram improvisados sobre caixas de frutas. Nos lembra as tantas aulas inaugurais, palestras, mesas-redondas, bancas, encontros em que ele se dispôs a participar sem cobrar, arcando muitas vezes com os custos de deslocamento, alimentação e hospedagem. Brandão não raro, optava por se hospedar na casa de amigos, contando sempre com as trocas solidárias, com a partilha do amor.

A difusão do conhecimento por meio de seus livros, tampouco, era devidamente capitalizada. Brandão sugeria uma venda solidária, em que o comprador estipulava o preço a ser pago. Ele se divertia ao contar sobre um episódio em que um aluno trocou um de seus livros por um chiclete.

Em sua vida tinha um forte compromisso com estas ideias libertárias, nele se observava um forte exercício de leitura, tinha uma grande biblioteca em seu sítio Rosa dos Ventos, de vários idiomas, em que se observada desde filósofos e filosofias emancipadores, da teoria crítica, do chamados decoloniais, sociólogos/as, educadores/as e literatura. Uma biblioteca que mostrava uma janela para outro mundo: encontros, círculos de ensino-aprendizagem, vida. E, todos disponíveis para consulta, empréstimo, doação. Seus livros e demais textos eram, igualmente, disponibilizados gratuitamente na internet, no site que saiu do ar, mas que funcionou durante vários anos, denominado *A partilha da vida*. Apesar de amar os livros, de escrevê-los, não possuía apego material a eles, pois acreditava na dádiva divina, cuja premissa indica que, quanto mais se dá, mais se recebe simbólica e afetivamente.

Tudo se movia num clima de camaradagem e cumplicidade em sua companhia. No que diz respeito à sua postura pessoal, o educador chamava a atenção para a necessidade de uma abertura e escuta sincera do Outro/a. Pontuando que, o reconhecimento e respeito do Outro se dá pela proximidade, pela partilha de saberes. Tratava-se de um posicionamento eticamente amparado na gratuidade amorosa.

Essa questão da partilha e da gratuidade perpassa todo o arcabouço teórico e prático de Brandão a partir da sua ação e reflexão em torno de temas relativos à

educação, em que a intercomunicação entre educandos e educadores se estabelece horizontalmente.

Enfim, nesta acepção de Brandão, a educação é uma prática que mescla a política e a pedagogia em torno da criação e da recriação de saberes da formação de teias e redes de conexões entre os seres humanos, cujo núcleo fundante se dá por meio da cooperação, em que o outro é um companheiro de partilha de saberes, conhecimentos e afetos, a qual se realiza por intermédio de gestos e ações impregnados de acolhimento e de doação em prol da consubstanciação do sentido eminentemente de um viver em comunhão.

Viver este efetivado na intercomunicação genuína entre as pessoas, a qual é construída no amor, tido como fundamental para sociabilidades aportadas na doação, no recebimento e na redistribuição dos bens finitos e infinitos, como por exemplo a educação.

Desta feita, essas sociabilidades se constituem por um ensinar e um aprender voltado para a superação do individualismo, do egoísmo e da competitividade – hegemonicamente vigentes no cenário contemporâneo – e ao mesmo tempo, por ações engendradas por intercâmbios na abertura recíproca entre os seres humanos em que prevalece os saberes comunitários em detrimento ao narcisismo predominante no mundo atual.

Nessa perspectiva, revisitamos o legado de Brandão para refletir sobre as nossas práticas educacionais.

POR UMA EDUCAÇÃO PARA A VIDA

Brandão acreditava que a educação formal, atualmente amparada no modelo neoliberal, não era capaz de confrontar os problemas reais de homens e mulheres do campo e dos centros urbanos do Brasil e de outros países latino-americanos. Ele questionava o primado da competência, eficiência, produtividade e competitividade implicados nos modelos educacionais e, em contrapartida, sugeria a cooperação, a solidariedade e a partilha.

Diante de um compromisso assumido com as lutas por transformação sociocultural e epistêmica, ele propunha uma educação problematizadora, voltada ao atendimento das demandas da comunidade. O recorte local e o micro olhar permitiam o desenvolvimento conjunto de perguntas e estratégias para a identificação de injustiças e

inequidades, que marcavam o cotidiano de uma determinada comunidade, refletindo conjuntamente com os seus membros sobre como poderiam enfrentá-las.

Tratava-se de uma proposta de educação centrada nas demandas cotidianas reais de homens e mulheres em seus contextos de vida vivida. Brandão compreendia a educação para a vida, como práticas voltadas à humanização dos sujeitos historicamente oprimidos, invisibilizados e silenciados pelo sistema, que chegavam a conscientizar-se, organizar-se coletivamente e reivindicar transformações a partir do reconhecimento de suas próprias necessidades e arbitrariedades aos quais estavam submetidos.

Em princípio, para ele, educar é encontrar-se com outros, especialmente com outras culturas (“não oficiais ou centrais”) e quebrar a ideia de considerá-las simples, rústicas, selvagens ou incultas. As culturas e religiosidades populares foram tratadas com respeito e curiosidade analítica, através de iniciativas investigativas que buscavam romper com a perspectiva evolucionista de caráter folclorista, anteriormente atribuída ao outro pelos pesquisadores da ciências humanas. De modo que, os conhecimentos e a cultura do outro não eram mais encaradas de forma pitoresca e distanciada, próxima, participativa e valorizada.

Dessa feita, o trabalho político-pedagógico era calcado em atividades em que os educandos e educadores, assim como os pesquisadores e pesquisados, pensavam e agiam numa perspectiva não individualista, ao promover um *saber-fazer* inspirado numa comunhão autêntica, em que o “eu” se constitui pelo “tu” e o “tu” se constitui pelo “eu”, formando desse modo um “nós” comunitário.

Esse “nós”, é centrado no diálogo entre emoção e razão, cujo núcleo fundante e o fortalecimento dos laços e da amizade entre os sujeitos no ato do ensinar e do aprender com vistas a reconstrução de outro mundo possível sustenta-se em uma pedagogia de viés libertário, estruturada em uma metodologia em que todos os participantes da ação pedagógica e política participam das atividades educativas como atores e não como objetos, coadjuvantes. Ou seja, esses atores constroem e reconstroem os saberes em torno de propósitos que se configuram em caminhos que vão em direção à humanização.

Nesse ínterim, refletiu também acerca de outros povos ou comunidades periféricas da América Latina reconhecendo a sua diversidade e humanidade. Desde ali, constituir com o diálogo, como forma educativa, um “entre nós” e não um “sobre eles”.

O sentido do diálogo “entre nós” é pensar em conjunto as próprias condições sociais, condições que o capitalismo procura unificar, homogeneizar e impor uma visão de vida boa (Brandão, 2022, pp.79-84).

Uma reinvenção da educação, inspirados nos aportes de Brandão, implica em não apenas reconhecer a legitimidade do outro, mas a legitimidade de seu pensamento, de suas expressões culturais, de suas cosmovisões. Recorrer à dimensão do amor e dos afetos nos processos de ensino-aprendizagem, corresponde à uma tentativa de ampliar a sensibilidade em relação ao outro, sem exigências ou expectativas. Podemos afirmar que, todo o pensamento de Brandão é perpassado pela perspectiva afetuosa, generosa e respeitosa da validação do outro, de seu universo cultural, de sua vida. O educador aplicava, em sua prática em sala de aula e nas demais relações sociais, esses princípios.

No processo de desenvolvimento de uma educação pautada pela propagação do amor, o outro não é visto como uma ameaça ou alvo de competição. Nesta compreensão, o outro é admitido a partir de sua alteridade – diferença na diversidade. Pois, a alteridade é admitida como condição essencial para a constituição do próprio eu.

O exercício educativo de conceder a palavra às comunidades periféricas: campesino/a, líder sindical, curandeiro indígena, mulher quilombola, famílias de bairros pobres, crianças da rua, etc., supõe colocar em valor experiências diversas, é dar lugar a “o mundo de eles/as” e trazer isso ao “nosso mundo”, “uma mutação de reuniões entre-nós-sob-eles para reuniones entre-nós-e-eles” (Brandão, 2022, p.82).

Sua proposta para educação postulava a demanda por

Transformación de estructuras de la mente, de la consciencia, de la cultura, de la sociedad, del mundo. Transformaciones radicales (desde las raíces), estructurales (no de partes o sistemas de la sociedad, sino de toda ella) y socialmente populares (centradas en luchas y políticas “de clase”). O sea, transformaciones de toda una sociedad y no adaptaciones modernizadoras e ilusoriamente realizables de acuerdo con el estilo desarrollista del sistema capitalista hegemónico (Brandão, 2015, p.24).

Nesse sentido, a educação popular era admitida como o começo do câmbio social, cuja raiz estava no povo, não apresentava uma organização estruturada formal, tampouco, estava centrada no futuro como progresso e no desenvolvimento individualista.

Na educação popular são as próprias pessoas que participam, que criam os modos do encontro: círculo de pares, mingas pedagógicas, comunidades de diálogos,

palavras disparadoras, etc. E, tem por fim resgatar memórias não oficiais dos anônimos da história, as experiências, as cosmovisões ancestrais, as práticas e a organização para cuidar a vida de uma comunidade.

Finalmente, educar é para a vida, por que a educação não é algo dado. É preciso um movimento consciente de compromisso com o outro. Que vida? é um sujeito livre, que pode criar e recriar seu mundo com outros/as, um mundo humano, falava Brandão.

Para além da habitual postura resignada de resistência, ele propunha uma reinvenção de nossas existências – anunciando luminosas transformações, que em suas palavras,

[...] deverão acontecer dentro da mente humana, no espírito dos seres que somos, nas infinitas conexões entre os círculos de fluxos de nossas totalidades interiores e interativas e, mais do que tudo, no desafio à nossa capacidade de gerar, entre nós e entre nós e a vida, uma nova maneira de ser, de viver, de interagir e de conviver. (Brandão: 2005, p. 21)

E, com atitudes proativas de amor, gratuidade e partilha que nosso destino enquanto sociedade pode ser transformado através da educação. É possível nos esquivarmos do ódio, da competição, da mercantilização da vida, se voltarmos nosso olhar ao outro, nosso próximo, nosso distante – irmão/ã planetário. E, é justamente a educação que se propõe a interpelar este desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brandão ao longo de sua trajetória como educador combateu avidamente qualquer forma de negação da liberdade. Ele pensou a educação como um projeto cultural de transformação de sujeitos e sociedades.

Sua proposta para a educação envolveu a recusa e a crítica à neutralidade, à imparcialidade e à reprodução de conteúdos de maneira desconexa da realidade dos sujeitos. Se engajou na promoção de um diálogo ativo com comunidades populares, com o objetivo de despertar uma consciência crítica e criativa, capacitando os educandos a se tornarem protagonistas da sua própria cultura.

Quando o princípio do amor, da gratuidade e da partilha são invocados como cerne da vocação pedagógica observa-se uma abertura sincera do educador em relação ao educando, que acolhe e legitima suas problemáticas e através de um processo o quão mais simétrico possível, articulando conhecimentos e saberes de ambos os lados, formando tecituras entremeadas por trocas, pertencimento e afetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida**. São Paulo: Geic, Cabral Editora, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver**. Campinas: Papirus, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura e Cultura Popular nas origens da educação popular. *In: MONTECHIARE, Renata. **Cultura e educação**. n° 13 (Série Cadernos FLACSO). Rio de Janeiro, 2018, pp. 9-29. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2018/12/Caderno-Flacso-N13-Cultura-e-Educac%CC%A7a%CC%83o-1.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.*

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A aventura do encontro: escritos sobre o Outro e Eu**. Curitiba: CRV, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, BERLANGA, Benjamin e outros (Coop). Investigar desde el sur. Epistemologias, metodologias e cartografias emergentes. 2022. Edições Desde Abajo.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educación pública, educación alternativa, educación popular y educación del campo. Caminos y convergencias, desvíos y divergencias. **Polifonias Revista de Educación**. Año IV, n.º 7, 2015, pp 21-68.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educar por toda a Vida Hoje**. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/>

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

(Recebido em fevereiro de 2024; aceito em fevereiro de 2024)